



Impactos ambientais do processo de aculturação das populações tradicionais: o caso das comunidades remanescentes de quilombolas São José e Catuiaia - PA

**OLIVEIRA, Thaissa Jucá Jardim¹; OLIVEIRA, Rodrigo Erdmann²;
FREITAS, Luana Lima³; SILVA, Maria das Graças⁴.**

¹Universidade do Estado do Pará (thaissa_jardim@hotmail.com); ² Universidade do Estado do Pará (rodrigoerdmann@hotmail.com); ³Universidade do Estado do Pará, (luanalimadefreitas@hotmail.com); ⁴Universidade do Estado do Pará (magrass@gmail.com)

Resumo

São José e Catuiaia são duas comunidades remanescentes de quilombolas localizadas no Estado do Pará. Atualmente elas sofrem um forte processo de aculturação e perda dos saberes tradicionais, agravado por suas precárias condições de vida. Este estudo teve como objetivo a identificação dos principais impactos ambientais decorrentes da influência da vida moderna nas comunidades de São José e Catuiaia e a realização de um breve diagnóstico da percepção ambiental destas comunidades. A pesquisa dividiu-se em três fases: observação do cotidiano comunitário; aplicação de um questionário; e realização de entrevistas. Sem assistência técnica e com as urgências de sobrevivência, eles têm alterado seus modos de vida, se preocupando cada vez menos em preservar seu ambiente e suas práticas de vida sustentável.

Palavras-chave: populações tradicionais; aculturação; percepção ambiental
Área Temática: Impactos Ambientais

Environmental impacts of acculturation process in traditional populations: the case of the remaining maroons communities São José and Catuiaia – PA

Abstract

São José and Catuiaia are two remaining communities of maroons in the State of Pará (Brazil). Currently, they are in a strong process of acculturation and loss of traditional knowledge, compounded by their poor living conditions. This study aimed to identify the main environmental impacts resulting from the influence of modern life in the communities São José and Catuiaia and performing a brief diagnosis of the environmental perception of these communities. The research was divided into three phases: observation of everyday community; application of a questionnaire; and interviews. Without technical assistance and emergencies survival, they have changed their ways of life, worrying less and less about environmental preservation and their sustainable living practices.

*Key words: traditional populations, acculturation, environmental perception.
Theme Area: Environmental impacts*



1 Introdução

Conhecido por ser o estado a fornecer o maior número títulos de territórios remanescentes de quilombolas do Brasil, o Pará abriga hoje aproximadamente duzentos e quarenta comunidades deste tipo, distribuídas em suas diferentes meso-regiões. Estas comunidades, em conjunto com as demais populações tradicionais da Amazônia, são caracterizadas por sua adaptação aos ciclos naturais e pelo aprofundado conhecimento da natureza de forma intuitiva, traçando estratégias de uso e manejo dos recursos naturais e transferindo todo esse conhecimento pela via oral e pela empiria (DIEGUES E ARRUDA, 2000).

Inseridas neste contexto, São José e Catuiaia são duas pequenas comunidades remanescentes de quilombolas que fazem parte da localidade de Jacarequara, na região Guajarina do estado. Desde sua formação até os dias de hoje, estas comunidades vem sofrendo um forte descaso do poder público, materializado em suas precárias condições de saneamento, educação e infra-estrutura. Tal situação, comum a diversas comunidades tradicionais da região, tem como consequência a baixa auto-estima dos moradores em relação à sua condição negra e excluída, levando-os ao afastamento quase completo de sua identidade quilombola e de seus hábitos culturais tradicionais.

Verifica-se, portanto, a existência de uma visão um tanto quanto romantizada da realidade e das vivências desses tipos de comunidades com a natureza, uma vez que as bibliografias e o imaginário popular alimentado pela mídia e demais atores sociais, quando retratam essas populações fazem questão de retratarem-nas através do valor mercadológico dos seus conhecimentos e de seu papel protetor da natureza. (ALMEIDA E MARIN, 2006).

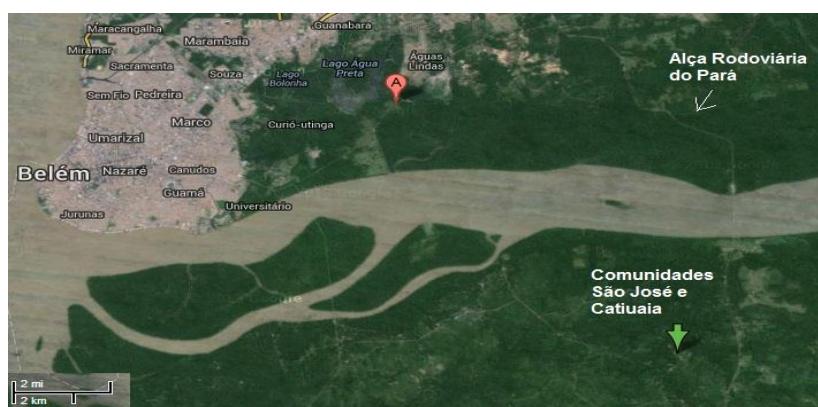
Como forma de chamar atenção para esta realidade e de expor o verdadeiro modo de pensar e de agir destes povos em relação ao meio ambiente, o presente estudo teve como objetivo a identificação dos principais impactos ambientais decorrentes da influência da vida moderna nas comunidades de São José e Catuiaia e a realização de um breve diagnóstico da percepção ambiental destas comunidades.

2 Metodologia

• Área de Estudo

O acesso às comunidades estudadas é feito pelo Km-23 da Alça Rodoviária do Pará, pouco após a ponte sobre o Rio Guamá, conforme mostra a Figura1, logo abaixo. Apesar de ser mais próxima de Belém, esta área pertence ao município do Acará e sofre de certo abandono, devido à distância que se encontra centro urbano do município.

Figura 1 – Localização das Comunidades de Catuiaia e São José em relação à capital do Estado.
(Belém – PA)





4º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 23 a 25 de Abril de 2014

São José é uma pequena vila localizada à beira do igarapé Jacarequara, fazendo limite com as comunidades Itapoama e Tapera. Os moradores afirmam que São José existe há mais de 150 anos e hoje é formada por 33 famílias.

A comunidade Catiuaiá, por sua vez, fica bastante próxima de São José, sendo sua entrada delimitada pela ponte que faz a ligação com Itapoama. Atualmente Catiuaiá é habitada por quinze famílias e, por ser de difícil acesso, é bem mais carente de recursos do que a primeira. O cotidiano bastante interligado e a realidade cultural muito próxima justifica a abordagem conjunta das duas durante a maior parte do trabalho.

Figura 2 – Do lado esquerdo, uma casa da comunidade Catiuaiá e do lado direito, a longa ponte que faz a ligação entre as duas comunidades.



• Diagnóstico das comunidades

A metodologia de realização deste trabalho baseou-se, em um primeiro momento, em pesquisas bibliográficas relacionadas a outras comunidades da região do Baixo-Acará e em visitas semanais, no intuito de observar e analisar a dinâmica de funcionamento, o cotidiano, e os principais problemas socioambientais da população.

Este período de observação foi de fundamental importância e serviu como suporte para a segunda fase da pesquisa, que consistiu na elaboração e aplicação de um questionário sobre as condições ambientais da comunidade. Foram aplicados 45 questionários, sendo 13 em Catiuaiá e 32 em São José. O questionário foi aplicado em uma população amostral selecionada de forma não probabilística, baseada em critérios de amostragem intencionada, onde foi escolhida uma pessoa por residência (BARBETTA, 2002).

A terceira e última fase da pesquisa foi baseada em entrevistas com moradores das duas comunidades, dentre eles, líderes comunitários, agentes comunitários de saúde e outros personagens importantes dentro da dinâmica de vida local. Estas entrevistas procuraram investigar as mudanças culturais e ambientais que ocorreram nas comunidades nos últimos tempos e o modo com o qual os moradores percebem estas mudanças.

3 Resultados

Por meio de dados obtidos com o questionário foi possível comprovar as precárias condições de vida desta população, sobretudo no que diz respeito ao saneamento e abastecimento de água. O tratamento inadequado do esgoto, que é despejado em fossas – normalmente em contato direto com o solo – ameaçam a qualidade da água subterrânea e de



4º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 23 a 25 de Abril de 2014

superfície das comunidades, que enfrentam ainda sérios problemas relacionados à coleta e ao tratamento de resíduos sólidos.

Antes da implantação da Alça Rodoviária do Pará, em 2002, a comunicação dessas comunidades com as demais cidades era feita apenas por rios. Nesta época, a população vivia logicamente mais isolada e seus modos de vida eram menos influenciados pelas modernidades e facilidades propiciadas pela urbanização. Após a comunicação através dos ramais e da Alça Viária, a economia e produção desta população vivenciam diversas mudanças, ligadas principalmente ao maior consumo de bens materiais, à entrada de gêneros alimentícios externos e à procura por empregos fora das comunidades.

Se antes a comunidade vivia isolada e sobrevivia com seus gêneros de subsistência produzidos, hoje já não é mais assim. A relação de dependência de materiais externos aumentou, modificando por completo a quantidade e a qualidade dos resíduos produzidos pelos moradores, causando sérios impactos ambientais na comunidade. Como em todas as pequenas comunidades rurais da região, São José e Catiuaiá não contam com a coleta domiciliar de lixo nem com nenhum apoio da prefeitura de Acará no tratamento ou destinação destes resíduos. O lixo produzido nestas comunidades é periodicamente queimado ou enterrado nos quintais causando impactos ambientais à qualidade do ar e do solo na região. Quando questionada, a população afirma saber que este não é o tratamento mais adequado e alguns responsabilizam o governo pela situação de abandono no que diz respeito à coleta destes resíduos.

Apesar de os moradores não assumirem este problema como algo preocupante, é comum encontrarmos várias embalagens ou garrafas plásticas nos caminhos que ligam as residências ou nos cursos d'água menos frequentados. Tal situação, provavelmente inexistente há alguns anos atrás, demonstra a carência em educação ambiental dos moradores e a incorporação de hábitos e problemas urbanos no dia-a-dia desta população.

A mudança ocasionada pela ligação com a Alça Rodoviária e a chegada da energia elétrica na localidade teve consequências também na economia e nos meios de produção destes povos. Dentre esses impactos é importante citar a incorporação dos agrotóxicos nos sistemas agrícolas locais, que, devido ao uso desregulado, prejudicam a qualidade da terra cultivada e tendem a contaminar os produtores e consumidores destes alimentos.

Diferentemente do que acontecia no passado, hoje em dia a maioria produção é voltada para a venda e os alimentos consumidos costumam ser comprados em feiras e supermercados da capital. A farinha de mandioca e o carvão são os dois principais produtos comercializados com os atravessadores.

Verifica-se, portanto, uma desvalorização dos produtos regionais/artesanais em detrimento dos produtos industrializados, representantes do modo de vida urbano e insustentável de nossa sociedade. Tais práticas, também fruto do processo de aculturação sofrido por estas comunidades, culminam no empobrecimento da diversidade de produtos cultivados na região, na propagação de monoculturas e em práticas extrativistas insustentáveis, que juntas, causam desequilíbrios sociais e ambientais que afetam direta ou indiretamente a população.

É importante destacar, portanto, o visível distanciamento do modelo autosuficiente e organizado das antigas comunidades quilombolas, que sobreviviam basicamente de sua própria produção. Segundo Gomes (1996), as organizações dos quilombos no Brasil representavam justamente um fenômeno ‘contra-aculturativo’ dos negros escravos. Nesta mesma obra, o autor cita ainda que a luta dos quilombolas contra a escravidão era tão-somente a luta dos africanos negros escravizados para preservar suas culturas longe da dominação dos padrões culturais dos senhores brancos.

No que diz respeito à medicina natural, a geração atual, além de não saber sobre os benefícios das ervas e plantas medicinais, não confia no potencial deste tratamento e prefere recorrer à praticidade e ao rápido efeito do tratamento convencional. Prova disso é que



atualmente existe apenas uma “curandeira” na comunidade, que é vista com certo preconceito pelos moradores e quase sempre relacionada com rituais de “macumba” e magia negra.

Levando em consideração as deficiências do atendimento público de saúde no local, a perda dos saberes medicinais é algo que prejudica bastante estas comunidades. Os moradores, além de sofrerem com a falta constante de médicos e medicamentos convencionais, perderam o hábito se tratar com produtos disponíveis na própria floresta – que apresentam menos efeitos colaterais e são mais acessíveis economicamente. Tal situação tem impactos significativos na saúde da população, que sofre constantemente com doenças ligadas, sobretudo, à falta de saneamento.

Apesar da construção da Alça Rodoviária ser a linha divisória entre o “novo” e o “velho”, o “convencional” e o “tradicional”, é importante destacar que o processo de aculturação tratado neste trabalho não é fruto somente da maior integração com o meio urbano. Na verdade, o principal fator dentro deste processo é a ausência de políticas públicas voltadas para a valorização e manutenção da cultura quilombola na região. Incorporados ao modelo de sociedade capitalista de maneira marginalizada, estas comunidades vivenciam um situação de pobreza e perda de identidade, que tende a crescer nos próximos anos, como um círculo vicioso. Junto com esta identidade é comum que se percam os valores e os conhecimentos ligados a uma vida sinérgica em relação ao meio ambiente.

4 Conclusões

Esta pesquisa trouxe resultados satisfatórios e permitiu a criação de um acervo de dados bastante significativo sobre as comunidades estudadas. Por meio dela, foi possível perceber que, mesmo hoje (com mais acesso a informação e a serviços públicos), esta população ainda não consegue compreender as particularidades relacionadas aos seus meios de produção e à reprodução da vida tradicional, que fazem deles ser quem são em sua singularidade de remanescentes quilombolas.

Apesar de existência de alguns hábitos antigos característicos dos povos da Amazônia, como o contato próximo com o rio, o conhecimento das árvores do local, dos ciclos naturais, etc., tais comunidades já perderam praticamente toda a identidade cultural de seu povo e não reconhecem a importância dos povos tradicionais no contexto da preservação ambiental. Sem assistência técnica e com as urgências de sobrevivência, eles têm alterado seus modos de vida, se preocupando cada vez menos em preservar seu ambiente e suas práticas de vida sustentável, que não se traduzem nas estatísticas nem no discurso que a academia reproduz. Assim, pode-se dizer que o discurso acadêmico sobre meio ambiente é técnico e, certas vezes, romantizado demais, nos afastando da realidade de pobreza e exclusão vivenciada por estes povos.

Levando em consideração a necessidade de tradução das demandas dessas comunidades em trabalhos para a academia, este trabalho busca servir de base para que futuros projetos e políticas públicas possam ser implantados nas comunidades desta região.



5. Referências

ALMEIDA, A.W.B de ; MARIN, R. E. A. **Populações Tradicionais: Questões de Terra na Pan-Amazônia**. Belém: UNAMAZ, 2006.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5^a Edição. UFSC, Florianópolis, 2002.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. 2^a Ed. São Paulo. Hucitec. Núcleo de Pesquisas sobre Populações humanas e áreas húmidas brasileiras. – USP, 2004.

GOMES, F.S. **Histórias de quilombolas. Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995